

## **A criação e o uso de *websites* na prática docente e seus desafios na formação da aprendizagem autônoma**

Andressa Garcia Castilho<sup>1</sup>, Juliana Araújo e Silva<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação na prática pedagógica, bem como o incentivo ao desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma. A metodologia utilizada nesta pesquisa é qualitativa. Ao todo, participaram deste trabalho: 6 gestores escolares, 2 professoras e 18 alunos da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. Para o desenvolvimento, utilizamos o *Google Sites* como ferramenta didática em nossas estratégias pedagógicas de ensino da leitura com uma turma do quarto ano do ensino fundamental, durante o último semestre de 2019. Essa produção teve sua realização em uma instituição que atende desde a Educação Infantil até o quinto ano do Ensino Fundamental. Este relato é baseado nas concepções teóricas sobre ensino de leitura de Smith (1989) e Kleiman (1989), entre outros. Além disso, apresentamos as perspectivas sobre educação e tecnologia citadas por Moran, Masetto, Behens (2000) e Prensky (2001).

### **Palavras-chave**

Tecnologias de informação. Aprendizagem autônoma. Prática docente. Educação Básica.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Campus Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: andressagcas@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil. E-mail: jusociais.ufu@gmail.com.

# **The creation and use of websites in the teaching practice and its challenges in the formation of autonomous learning**

Andressa Garcia Castilho<sup>3</sup>, Juliana Araújo e Silva<sup>4</sup>

## **Abstract**

This work aims to analyze the use of information and communication technologies in pedagogical practice, as well as encouraging the development of autonomous learning. The methodology used in this research is qualitative. Altogether, 6 school managers, 2 teachers and 18 students from the Municipal Network of Uberlândia participated in this work. For that, we used Google Sites as a didactic tool in our pedagogical strategies for teaching reading to a fourth grade class of elementary school, during the last semester of 2019. This production took place in an institution that serves from Early Childhood Education to the fifth year of elementary school. This account is based on Smith (1989) and Kleiman's (1989) theoretical conceptions of reading teaching, among others. In addition, we present the perspectives on education and technology quoted by Moran, Masetto, Behens (2000) and Prensky (2001).

## **Keywords**

Information technologies. Autonomous learning. Teaching practice. Basic Education.

---

<sup>3</sup> PhD student in Education, Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil; professor in the Initial and Continuing Education (FIC) course under the Novos Caminhos Program, Triângulo Mineiro Federal Institute of Education, Science and Technology, Campus Uberlândia, State of Minas Gerais, Brasil. E-mail: andressagcas@gmail.com.

<sup>4</sup> Master degree student in Technological Education, Federal Institute of Education, Science and Technology of the Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: jusociais.ufu@gmail.com.

## Introdução

Em um contexto mundial, as organizações internacionais recorrentemente ditam princípios que os países subdesenvolvidos deveriam seguir para alcançar níveis esperados de desenvolvimento. Dentre elas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) elaborou uma série de convicções sobre políticas educacionais em torno do mundo. O documento coordenado por Jacques Delors (1997), denominado “Educação, um tesouro a descobrir”, discute a educação do século 21. Esse estudo propôs alguns princípios fundamentais aos países de terceiro mundo, objetivando associar a educação com novas tecnologias para o crescimento econômico do país. Segundo a UNESCO, “a tecnologia pode lançar pontes entre países industrializados e os que não o são, e levar professores e alunos a alcançar níveis de conhecimento que, sem ela, nunca poderiam atingir” (UNESCO, 1997, p. 161).

De fato, é inegável o avanço das telecomunicações nos últimos anos, haja visto que os transmissores como rádios, satélites e celulares possibilitaram mudanças nas relações sociais de interação. Há cerca de cinquenta anos, uma notícia poderia demorar a chegar até outra pessoa em cidades distintas. Isso ocorria, principalmente, porque as informações eram enviadas por meio de cartas, postais, telefonemas, entre outros. Pois essas formas de interlocução demandavam mais tempo e ônus ao remetente. Atualmente, é possível enviar mensagens com valores reduzidos por vídeo-chamada, textos, áudios e, em segundos, a informação encontra-se disponível em outro suporte.

Todos esses aparatos tecnológicos modificaram as formas de comunicação em sociedade. Giansanti (2004) destacou como o progresso das telecomunicações possibilitou ao homem evoluir do telégrafo até os telefones, da televisão sem cores para o uso de satélites e TVs em alta definição, do rádio à internet, entre outras ferramentas que fomentaram a interlocução entre os sujeitos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, nos últimos anos, tal desenvolvimento tecnológico no Brasil viabilizou “a possibilidade de comunicar as informações globalmente, com maior velocidade e em diferentes formatos” (BRASIL, 1998, p. 136).

A área da educação, por exemplo, incorporou o uso de computadores, aparelhos eletrônicos, aplicativos e programas educacionais com o objetivo de ampliar os processos de ensino-aprendizagem dos alunos, fomentando uma alternativa para a pedagogia tradicional<sup>5</sup> e

---

<sup>5</sup> Segundo Libâneo (1994, p. 64), no conceito de Pedagogia Tradicional “Supõe-se que ouvindo e fazendo exercícios repetitivos os alunos “gravam” a matéria para depois reproduzi-la, seja através das interrogações do

comunista<sup>6</sup>.

Para Libâneo (2011), as tecnologias educativas no ensino estariam subordinadas ao neoliberalismo<sup>7</sup>, que pregou o desenvolvimento tecnológico para a lógica de competitividade no mercado. Contudo, o autor adverte que a ausência dessas tecnologias acarretaria prejuízos maiores aos estudantes, porque os deixariam excluídos dessa linguagem social.

Um intenso processo de marginalização sobre o acesso aos meios digitais ocorre na atualidade, principalmente conectado aos avanços ocorridos na rede mundial de computadores que, ao longo do tempo, reconfigurou a maneira pela qual as pessoas se conectam ao mundo. Nesse contexto, o domínio do mundo da informática e o uso do computador passaram a ser exigidos em diversas situações. Visando garantir o acesso aos computadores, o Ministério da Comunicação e o Ministério da Educação instalaram Telecentros em diversas regiões do país, disponibilizando equipamentos de informática e conexão em banda larga para acesso à internet, com o intuito de reduzir a exclusão digital. Segundo Darelli (2003), os Telecentros se configuravam como unidades de atendimento coletivo que disponibilizavam serviços, em regime de parcerias, aos diferentes segmentos sociais, utilizando instrumentos de telecomunicações e de informática na atuação como agentes de desenvolvimento econômico, político e sócio-cultural.

O uso de computadores em escolas públicas brasileiras surge no final dos anos 1980 em iniciativas do Governo Federal de implementar centros de informática no ensino regular e de educação especial. Em 1989, o Programa Nacional de Informática na Educação (Proninfo) tinha por objetivo apoiar o desenvolvimento da informática educativa no país. Esse processo apontou a necessidade dos professores incluírem essa ferramenta em suas práticas de ensino em função da expectativa de que a educação escolar acompanhasse e englobasse as mudanças tecnológicas/computacionais que ocorrem no mundo.

Em 1997, o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) foi lançado, inicialmente, com o intuito de implementar laboratórios de informática nas escolas brasileiras. Viabilizado pelo Ministério da Educação (MEC), com o apoio e incentivo dos estados e municípios, esse programa visou garantir a estrutura adequada ao recebimento dos

---

professor, seja através das provas. Para isso, é importante que o aluno “preste atenção”, porque ouvindo facilita o registro do que se transmite na memória. O aluno é, assim, um receptor da matéria e sua tarefa é decorá-la”.

<sup>6</sup> Conforme o pensamento de Pistrak (2000, p. 31), uma escola comunista e que atenda a esses ideais, deve ser pensada em termos mais concretos. É preciso que a nova geração compreenda, em primeiro lugar, qual é a natureza da luta travada atualmente pela humanidade. Em segundo lugar, faz-se necessário compreender qual o espaço que deve ser ocupado pelo adolescente. Por fim, é preciso que cada um saiba travar a luta pela destruição das formas inúteis em seus respectivos espaços, substituindo-as por um novo edifício. A pedagogia histórica não incorporou o uso desses recursos no ensino.

<sup>7</sup> Caracteriza-se por uma intervenção mínima do Estado na economia, ocorrendo a livre iniciativa.

laboratórios, com objetivo central de incentivar o uso de tecnologias de informática e comunicação na educação básica pública do país.

Quando pensamos na educação, a escola vem incorporando os laboratórios de informática ao longo do século 20. Esse processo apontou a necessidade de os professores incluírem essa ferramenta em suas práticas de ensino em função da expectativa de que a educação escolar acompanhe e englobe as mudanças tecnológicas/computacionais que ocorrem no mundo.

Essas modificações surgem por meio do fluxo próprio da sociedade adaptando-se à própria história do mundo, permeado de descobertas, e a chegada de novas tecnologias nas áreas de processamento de dados em forma ampla. Encontramos inúmeras justificativas que explicam a aliança entre o ensino escolar e o uso das novas tecnologias, com discursos que perpassam a oportunidade de o aluno conhecer e manusear tais tecnologias, visando o domínio da ferramenta para a preparação para o mercado de trabalho.

Nas últimas décadas, com o objetivo de proporcionar o acesso às novas tecnologias, os governos em âmbito municipal, estadual e federal vêm somando esforços, na forma de políticas públicas voltadas à inserção digital, que atinjam considerável parcela dos estudantes, na tentativa de inserir alunos no mundo da informática, espaço criado no interior da escola. O laboratório de informática, e sua conexão com o ensino, configura-se como uma nova necessidade social para saber utilizar essa ferramenta. Esse recente cenário educacional reflete no processo de ensino e aprendizagem ao fomentar que educandos estejam atentos a essas transformações e se tornem paulatinamente mais autônomos em seu percurso escolar.

### **Desafios e possibilidades da aprendizagem autônoma**

Autonomia significa liberdade, e, na educação, ela significa a capacidade de organização dos estudos sem que haja uma dependência total do professor, onde o aluno é capaz de administrar o seu tempo de dedicação no aprendizado e realizar as escolhas sobre as fontes de informação.

Para Freire (2008) é essencial que se respeite a autonomia do educando para que a prática educativa seja ética. Não é, portanto, um favor que se faz ao outro, e sim uma premissa imprescindível da nossa própria natureza humana.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua

prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2008, p. 59).

A autonomia está diretamente ligada à decisão. O aluno, quando se torna autônomo, consegue definir quais são suas preferências, capacidades e habilidades, e a educação cumpre o seu papel de formar indivíduos que saibam tomar suas próprias decisões, pensando e executando. Na importância de se respeitar a autonomia e a identidade do aluno, está implícita a necessidade de transformar a educação bancária, assistencialista, que enche o educando de um falso saber sem haver o diálogo, em uma educação problematizadora em que as pessoas percebam e se apropriem do mundo criticamente. A educação bancária se refere ao treinamento do aluno, em que o professor conhece e lhe deposita os conhecimentos. Esse tipo de educação é um instrumento de opressão na medida em que deixa o diálogo de lado e trata o aluno como se ele não tivesse nenhum tipo de conhecimento.

Dessa forma, de acordo com Freire (1996), “não é possível a educação bancária se tornar uma prática da liberdade sem superar a contradição entre o educador-educando, pois a partir disso surge uma nova relação, onde se é considerado que o educador, ao educar, está sendo também educado por seu educando”. Há a importância do diálogo, do ouvir o outro, da pedagogia problematizadora, onde os educandos são investigadores críticos sempre em diálogo com o educador.

Dessa maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar *sendo* com as liberdades e não *contra* elas. (FREIRE, 1987, p. 39).

Segundo Zatti (2007, p. 17) a autonomia é uma condição, sua construção envolve aspectos como o poder para determinar a própria lei. Esse aspecto está ligado à liberdade, e o poder ou capacidade de realizar esse aspecto está relacionado com a capacidade de fazer. Para que possa existir a autonomia, é necessário que esses dois aspectos estejam presentes, pois o pensar autônomo também precisa ser o fazer autônomo. Outro pensador que fez da autonomia um dos principais objetivos da educação foi Piaget, segundo Kamii *apud* Zatti (2007, p. 17),

A partir da teoria de Piaget podemos dividir a autonomia em dois aspectos, o moral e o intelectual. Para a autonomia moral, é importante que as crianças se tornem capazes de tomar decisões por conta própria, que sejam capazes de considerar os aspectos relevantes para decidir o melhor caminho a seguir. Isso implica aprender a levar em conta os pontos de vista das outras pessoas, já que para esse autor, a autonomia moral se alcança a partir da inter-relação com as demais pessoas. Autonomia intelectual é a capacidade de seguir a própria opinião, enquanto a heteronomia é seguir a opinião de outra pessoa.

Zatti (2007) fala a partir da pedagogia kantiana que, para que a educação forme sujeitos autônomos, ela deve unir a experiência à razão, pois se o indivíduo se basear somente pelo raciocínio puro ele estará alheio à realidade e não haverá a superação da heteronomia, e caso se guie só pela experiência também não haverá a autonomia, pois, segundo Kant, a autonomia acontece quando o indivíduo segue a lei que sua própria razão proporciona.

Segundo Apple (*apud* SILVA, 1999), o currículo escolar e as aulas estão organizados de forma a não considerar a trajetória de vida dos alunos e a fragmentar o conhecimento, criando muros entre as disciplinas que separam conteúdos e professores. Essa forma de organização tem uma intencionalidade que torna necessário educar para um olhar crítico diante do currículo escolar, estabelecendo uma conexão entre ele e a vida de todas as crianças na escola, pois ele se torna inútil se não há essa relação. Ainda para Apple (*apud* SILVA, 1999, p. 45) “há uma clara conexão entre a forma como a economia está organizada e a forma como o currículo está organizado”, portanto, tal intencionalidade no currículo está atrelada ao poder dominante e o seu desenvolvimento econômico e produtivo, à cultura instalada para o consumo. Mas, se entendemos o currículo como um processo desenvolvido no campo cultural e em meio às relações de poder, acreditamos na possibilidade de questionar sua organização. Nesse sentido, os professores deveriam compreender, tentar elencar e criar instrumentos que nos permitam fugir dessa visão arcaica de escola, voltada para formação ao mercado de trabalho, para a dinâmica da sociedade capitalista que gira em torno da dominação de classe daqueles que detêm a propriedade e os recursos sobre aqueles que vendem a força de trabalho.

Apple (2009) afirma que a tarefa dos educadores críticos não é só fazer uma análise crítica, mas também atuar como voz de todos aqueles que foram silenciados. O que nos chama a atenção para fala de Apple é que todos nós possuímos voz, mas nem todos somos ouvidos, assim o autor deixa claro que nós, como educadores, devemos ouvir as classes mais baixas e buscar entender porque elas foram silenciadas, pois a maioria dos alunos não é formada para atuar de forma crítica na sociedade, mas sim para receber um conhecimento que já está pronto e aceitá-lo.

## **A prática docente mediada por tecnologias digitais da informação e comunicação**

Ao refletir sobre esse contexto e como poderíamos utilizá-lo em benefício das práticas pedagógicas em sala de aula, decidimos que nossas aulas dedicadas à leitura ocorreriam com a mediação de recursos tecnológicos.

a educomunicação é um conjunto de ações inerentes ao planejamento, à implementação e à avaliação dos processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. (SOARES, 2002, p. 155).

Dessa forma, a educomunicação pode ser entendida como uma forma de promover a educação por meio dos recursos midiáticos (câmeras, gravadores, computadores, celulares, entre outros). Em suas obras, Paulo Freire salienta sempre a importância da comunicação como um componente fundamental no processo educativo e de sua capacidade de transformar seres humanos em sujeitos. Para Freire (1979), a educação é um processo da comunicação, pois há um modo de multiplicar o conhecimento mediado por relações baseadas na dialética entre os homens e o mundo. Nesse sentido, com a presença das mídias cada vez mais constante no âmbito educacional, torna-se praticamente impossível dissociar a educação e comunicação.

O *Websites Google* é uma ferramenta estruturada para criação de páginas da Web que visa facilitar a criação de sites simples, de forma que qualquer pessoa possa criá-los, ela também oferece suporte à colaboração entre diferentes editores. No desenvolvimento deste trabalho, utilizamos postagens de áudios em formato de podcast e vídeos produzidos pelos alunos como forma de avaliação da aprendizagem.

Dentro do processo de escolarização, a prática da leitura é geralmente associada à execução de tarefas escolares. Quando isso ocorre, alguns alunos a realizam envolvidos por sentimentos de desânimo. Em algumas vezes, a escolha de determinadas obras e livros pelos alunos fica subjugada ao número de páginas. Dessa maneira, a leitura

pode tornar-se uma atividade desejada ou indesejada. As pessoas podem tornar-se leitores inveterados. Também podem tornar-se não-leitores inveterados, mesmo quando são capazes de ler. Uma tragédia da educação contemporânea não é tanto de muitos estudantes abandonarem a escola incapazes de ler e de escrever, mas que outros se formam com uma

antipatia pela leitura e escrita, apesar das habilidades que possuem. Nada, acerca da leitura e da instrução, é inconsequente. (SMITH, 1989, p. 212).

Com isso, percebemos que vários alunos tinham dificuldade de leitura no quarto ano do ensino fundamental. Esse mesmo desânimo apresentado por Smith (1989) era percebido dentro da sala de aula quando tratamos de leitura associada às tarefas escolares. Nesse contexto, de acordo com Gómez e Lazo (2015)

Vivemos dentro de um contexto da sociedade digital em que a troca do paradigma educativo está além da introdução das tecnologias de informação e comunicação e dos dispositivos no sistema tradicional. O crescente desenvolvimento das tecnologias digitais leva a parte da comunidade educativa a refletir sobre os princípios pedagógicos que prevalecem em sala de aula. (GÓMEZ; LAZO, 2015, p. 143, tradução nossa).<sup>8</sup>

O docente que utiliza esses recursos tem a possibilidade de ampliar seus processos de ensino, uma vez que ele conhece outras metodologias como alternativa didática. Esse saber permite ao docente, além das possibilidades de elaboração de suas aulas, orientar e acompanhar o uso delas por seus alunos.

Partimos do princípio que o ato de ler é uma prática social como apontado por Chartier (1999). Discutimos sobre a importância de introduzir essas tecnologias dentro das práticas de ensino como estratégia didática. Vale ressaltar que a nossa sociedade modificou-se de tal modo que os alunos são ávidos por utilizar recursos midiáticos. Prensky (2001) denominou essa geração de alunos como “nativos digitais”, em outras palavras, um sujeito que nasce em meio a uma geração tecnológica e informativa. A principal característica deles é a capacidade de recebimento de informações, porque é comum a esses alunos estudarem e ouvirem músicas, realizar múltiplas tarefas, entre outros. A esse respeito, Prensky afirma que:

Infelizmente para os nossos professores Imigrantes Digitais, as pessoas sentadas em suas salas cresceram em uma “velocidade rápida” dos videogames e MTV. Eles estão acostumados à rapidez do hipertexto, baixar músicas, telefones em seus bolsos, uma biblioteca em seus laptops, e mensagens instantâneas. Eles estiveram conectados a maior parte ou durante toda sua vida. Eles têm pouca paciência com palestras, lógica passo-a-passo, e instruções que “ditam o que se fazer”. (PRENSKY, 2001, p. 3).

---

<sup>8</sup> Texto original: “En el contexto de la sociedad digital, el cambio de paradigma educativo va más allá de la introducción de TIC y de dispositivos en los sistemas tradicionales. El creciente desarrollo de las tecnologías digitales lleva a parte de la comunidad educativa a reflexionar sobre los principios pedagógicos que prevalecen en las aulas”.

Aliado a essas características no perfil dos alunos, o número de dados que essas crianças e adolescentes têm contato é superior às outras gerações. Moran, Masetto e Behens (2000) apontam que os jovens com esse perfil geralmente gostam de tudo que é instantâneo:

[Eles] adoram as pesquisas sincrônicas, as que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase instantâneas. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, vêm nos acostumando a receber tudo mastigado, em curtas sínteses e com respostas fáceis. O acesso às redes eletrônicas também estimula a busca on-line da informação desejada. É uma situação nova no aprendizado. Todavia, a avidez por respostas rápidas, muitas vezes, leva-nos a conclusões previsíveis, a não aprofundar a significação dos resultados obtidos, a acumular mais quantidade do que qualidade de informação, que não chega a transformar-se em conhecimento efetivo. (MORAN *et al.*, 2000, p. 20).

A avidez por respostas instantâneas também marca essa geração. Com um clique dentro da internet é possível encontrar informações em diferentes suportes. Na maioria das vezes, as respostas são rápidas e as informações superficiais, fato que acarreta em uma formação de jovens que se contentam com a instantaneidade. Pensando nesse movimento da sociedade e sua introdução na escola, vamos expor nossa prática pedagógica com o uso desse recurso.

### **A criação e o uso de *websites* na prática docente**

A experiência aqui relatada aconteceu em uma escola municipal da cidade de Uberlândia-MG. Essa escola é situada na região oeste da cidade, a cerca de seis quilômetros da região central. Essa instituição atende desde a educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental. A escolha pelo recurso de criação e uso de um site ocorreu devido ao planejamento curricular contemplar o estudo de suportes onlines de leitura. A sala em que utilizamos o website para o ensino da leitura é formada, aproximadamente, por dezoito alunos com frequência contínua. Desse total, quinze alunos compareciam com celular diariamente na sala. Os outros tinham acesso ao aparelho em sua residência e, nas aulas de informática da escola, aprendiam como utilizar e acessar o site por meio dos computadores disponibilizados na sala de informática da escola. Nessa instituição, desde a educação infantil os alunos têm uma hora por semana com aulas no laboratório de informática com professores e tutores. O uso de recursos tecnológicos é importante porque a Base Nacional Comum Curricular aborda como uma, dentre dez competências gerais, como importante:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9).

Um ensino que preza pelo viés tecnológico integra possibilidades de que os alunos consigam estudar em diferentes espaços e com diferentes ferramentas. A partir disso, o nosso primeiro desafio foi conseguir desenvolver o trabalho com a leitura de modo que as crianças pudessem se interessar e tornarem-se leitoras fluentes. No ensino fundamental, de acordo com a Legislação Nacional, os primeiros três anos são considerados o ciclo de alfabetização. Nesse sentido, é muito importante que a criança progrida ao final do ciclo apta a ler qualquer texto da sua língua materna com fluência.

Ao nos depararmos com a realidade daquelas crianças, começamos a perceber que elas adoravam utilizar o celular e também liam algumas mensagens naquele suporte. Dessa forma, necessitávamos acompanhar, individualmente, cada dificuldade de leitura para tentar estabelecer uma estratégia didática mais adequada para cada criança. Sendo assim, ao invés de “tomar leitura”<sup>9</sup>, o que era um processo desgastante, afinal tomava grande parte do período de aulas, fizemos o uso dos áudios enviados pelo aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, para publicação no website criado como ferramenta, para avaliar essa atividade.

Inicialmente, criamos uma página pública no site gratuito disponibilizado pelo Google, demonstramos aos alunos como visualizar e onde seriam postados os trabalhos. Todos os alunos antes de ingressarem nesse projeto receberam uma carta de autorização de divulgação de imagens e postagens, a ser assinada pelos pais e/ou responsáveis. Informamos que aqueles pais que tivessem interesse ou condições de auxiliar no projeto seriam bem vindos.

Então, semanalmente os alunos da turma retiravam livros na biblioteca da escola emprestados. Com isso, decidimos que todo livro escolhido deveria ser lido e gravado com o áudio no telefone celular. Os pais receberam orientação de como utilizar a ferramenta, mas todos os alunos já haviam realizado essa tarefa pelo menos uma vez com orientação do professor na escola. Os alunos que não levavam seus celulares podiam realizar a atividade na escola com o auxílio dos gestores e da professora.

Elaboramos uma série de aulas com os alunos e utilizamos o laboratório de informática da escola para ensinar como eles poderiam utilizar esse recurso. Os que

---

<sup>9</sup> Termo utilizado quando os professores solicitam aos alunos para ler em voz alta determinado texto, frase ou palavra. Esse tipo de expressão define um modo particular de o aluno ler em voz alta para o professor avaliar sua leitura.

apresentaram dúvidas, já conheciam, mas não sabiam gravar, pediam ajuda aos responsáveis. Dentre a motivação dos alunos estava a interligação ao fato de produzir uma mídia e publicar no site com auxílio do professor.

Assim, toda semana, quando os alunos pegavam os livros, era solicitado como tarefa de casa que enviassem o áudio com o conteúdo do livro para o WhatsApp da professora da turma. Toda quinta-feira era dedicada à leitura e produção do áudio que deveria ser enviado até segunda-feira para postagem. Além disso, os estudantes recebiam uma ficha literária geral para aferir se entenderam o que foi lido.

### **Considerações finais**

Nesse relato de experiência ressaltamos a importância da leitura, muitas vezes despercebida ou renegada pelos alunos por ser interligada às tarefas escolares sem conceder nenhum atrativo à realidade dos discentes. Para Kleiman (1989, p. 13),

O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer à mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se quisermos fazer sentido do texto.

Com base nesse relato, percebemos o quão importante é pedir aos alunos que desenvolvam trabalhos ou atividades que façam parte da realidade que vivenciam. Durante a reunião com os pais, percebemos relatos de como os alunos mudaram o comportamento em relação à leitura em casa, como aqueles áudios faziam “sucesso” quando compartilhados e, principalmente, que os alunos relataram gostar de trabalhar daquela forma. Percebemos que, com o passar do tempo, algumas trocas de palavras e a insegurança dos primeiros áudios foram deixando de existir e, progressivamente, os alunos sentiam-se mais seguros e empenhados na tarefa. Alguns alunos ao longo do tempo começaram a produzir vídeos nos quais efetuavam leituras de outras histórias. Isso se tornou uma motivação para continuarmos e estendermos nosso trabalho para outras disciplinas no semestre seguinte.

Alguns pontos negativos que podem ser encontrados em outras salas de aula são o acesso à internet ou os alunos não terem condições financeiras para adquirir o aparelho. Alternativas que podem ser superadas por um computador na escola que tenha microfone.

Digo isso porque devido aos recursos e programas federais, como o Proinfo<sup>10</sup>, muitas escolas possuem esse tipo de equipamento.

Posteriormente pretendemos aprofundar na temática com o auxílio de outras ferramentas com objetivo educacional. Contudo, acreditamos que os estudos aqui apresentados possam contribuir com a tarefa de fazer a leitura ser algo motivador para os processos de ensino-aprendizagem dentro da escola.

Ademais, destacamos a leitura como algo essencial para a consolidação do ciclo de alfabetização das crianças. Nessa fase, os processos de escolarização são pautados em ensino-aprendizagem que permita ao aluno sair com as habilidades consolidadas. Porém, vivemos em uma sociedade permeada por recursos midiáticos que fazem parte do cotidiano dos alunos. Por isso, a junção desses recursos ao ensino amplia as possibilidades de se atingir uma aprendizagem próxima da vivência dos alunos.

Ressaltamos a importância desse relato para construirmos com os alunos práticas pedagógicas que contemplem os mais diferentes tipos de conhecimento. Conseguimos continuar priorizando o conteúdo, mas diversificamos os caminhos de produção do conhecimento por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC's). Portanto, acreditamos que tal recurso contribui com a dinâmica dos trabalhos desenvolvidos em sala e consideramos essa experiência como positiva porque permitiu tanto aos alunos quanto a nós, docentes, refletirmos sobre o modo como utilizamos um recurso favorável à construção de nossos conhecimentos.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo)**: recomendações gerais para a preparação dos Núcleos de Tecnologia Educacional. Brasília, DF: MEC, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/acessibilidade-sp-940674614/271-programas-e-aco-es-1921564125/seed-1182001145/13156-proinfo-integrado>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

CHARTIER, R. **Aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

---

<sup>10</sup> É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de Educação Básica. O programa leva às escolas, computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias.

- DARELLI, L. E. **Telecentro como instrumento de inclusão digital para o E-gov brasileiro**. Florianópolis: Telesc, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GIANSANTI, F. **Tecnologia e sociedade no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Global, 2004.
- GÓMEZ, C. V; LAZO, C. M. Modelo de integración educomunicativa de “apps” móviles para la enseñanza y aprendizaje. **Revista de Medios y Educación**, Sevilla, n. 46, p. 137-153, 2015. Doi: 10.12795/pixelbit.2015.i46.09. Disponível em: <http://acdc.sav.us.es/pixelbit/images/stories/p46/09.pdf>. Acesso em: 1º abr. 2021.
- KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.
- PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On The Orizon**, v. 9, n. 5, Oct. 2001. Doi: 10.1108/10748120110424816. Disponível em: <http://www.hfmboces.org/hfmdistrictservices/techy/prenskydigitalnatives.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.
- SILVA, E. T. da. **Elementos da pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Tradução de Daíse Batista. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- SOARES, I. de O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 19, p. 12-24, 2002. Doi: 10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- UNESCO. **Relatório para a Unesco da comissão internacional sobre educação para o século XXI: educação um tesouro a descobrir**. Disponível em: <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2020.

ZATTI, V. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2007.

Submetido em 4 de abril de 2021.

Aprovado em 2 de julho de 2021.